

CINEMATEC A PORTUGUESA- MUSEU DO CINEMA
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
7 e 18 de novembro de 2024

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS / 1977

um filme de Bruno Barreto

Realização: Bruno Barreto / **Argumento:** Bruno Barreto, segundo o romance homónimo de Jorge Amado / **Fotografia:** Maurilo Salles/ **Montagem:** Raimundo Higino / **Direção Artística:** Anísio Medeiros / **Música:** Chico Buarque, Franci Hime / **Intérpretes:** Sónia Braga (Dona Flor). José Wilker (Vadinho), Mauro Mendonça (Teodoro), Dinorah Brillanti (Rozilda), Nelson Xavier (Mirandão), Arthur Costa Filho (Carlinhos), Rui Rezende (Cazuza), Mário Gusmão (Arigof), Nelson Dantas (Clodoaldo), Haydil Linhares (Norma), Nilda Spencer (Dinora), Sílvia Cadaval (Jacy).

Produção: Luis Carlos Barreto, Newton Rique, Cia Serrador / **Cópia:** DCP, colorida, versão original / **Duração:** 111 minutos / **Estreia em Portugal:** Monumental, em 16 de Setembro de 1977- Ante-Estreia na mesma sala em 13 de Dezembro de 1976.

Não é só Hollywood que tem os seus "clãs", as suas "famílias" cinematográficas. No Brasil os Barretos são o seu correspondente. Luis Carlos Barreto, produtor, e os seus filhos Bruno e Fábio Barreto como realizadores. Os dois primeiros encontram-se no mesmo projecto de adaptação de **Dona Flor e Seus Dois Maridos**, terceira longa-metragem de Bruno, depois de **Tati a Garota** (1972) e **A Estrela Sobe** (1974).

Dona Flor e Seus Dois Maridos foi um dos maiores sucessos do cinema brasileiro da década de 70, surgindo numa situação peculiar, quando a ditadura do general Ernesto Geisel começava a dar de si face ao movimento para as liberdades democráticas e reagindo com desespero (o assassinato sob tortura do jornalista Wladimir Herzog no ano anterior pode ser apontado como o momento em que a balança começa a oscilar). O cinema também esteve activo nestes anos de brasa, não como "consciência" e testemunho (como o cinema "novo" da década de 60), mas reflectindo nas suas próprias formas e temas (e mais concretamente na "ausência" ou "vazio" destes) as contradições e as novas circunstâncias. Surge o fenómeno do "cinemão", o correspondente ao cinema "espectáculo" americano com êxitos comerciais que mais frequentemente trata de uma recuperação da "chanchada" dos anos 50 com laivos de erotismo de que resulta a chamada "pornochanchada", e dos filmes musicais agora embalados ao ritmo da "bossa nova". Um outro factor vem condicionar o cinema que se faz e que é a televisão, principalmente através do fenómeno das "telenovelas". Todos estes elementos estão presentes no filme de Bruno Barreto e foram a razão do seu sucesso. Entre nós foi um dos raros sucessos de bilheteira do cinema do país "irmão", consequência da "febre" provocada pela estreia das telenovelas e o sucesso estrondoso de Gabriela. Ora **Dona**

Flor e Seus Dois Maridos explora sem qualquer pudor aquela "febre". Deste modo segue as regras que mandam no cinema comercial americano: um sucesso gera sempre uma série de produtos mais ou menos "razoáveis" e um número maior de subprodutos. Mas nesta submissão às regras económicas há uma diferença de vulto. O cinema americano é uma indústria e fenómenos desses surgem em paralelo com outras manifestações de maior ou menor sucesso, gerando por sua vez outros imitadores, e outras incursões artísticas, num movimento e num enfrentamento constantes. Onde tal não acontece o cinema acaba por se diluir quase completamente nesse fenómeno, acabando por ser apenas uma parte dele, apesar de alguns heroicos resistentes. Essa "diluição" parece não ter tido em qualquer outro país a dimensão que teve no Brasil.

Costuma-se falar de "estética televisiva" (o que de certo modo é uma contradição nos termos) para se sublinhar o "apagamento" de uma forma narrativa que privilegia a relação entre o que se conta e a forma como se conta, para se sujeitar a uma regra de simples "visibilidade" da intriga como se encontra nas séries de televisão. Isto a propósito de muitos filmes americanos, italianos, etc., mesmo entre nós. Mas no Brasil resultou uma verdadeira catástrofe de que só a pouco e pouco, e recentemente, se tem vindo a "emancipar". **Dona Flor e Seus Dois Maridos** é o modelo acabado de tal sujeição, de tal apagamento diante do fenómeno televisivo. Barreto vai buscar as duas vedetas de **Gabriela**, Sónia Braga e José Wilker e um romance do mesmo escritor, Jorge Amado ("Jorjamado", lhe chamou Glauber Rocha, num documentário que é outra loiça), que trocara a dureza da militância clandestina (autor de *Os Subterrâneos da Liberdade*, biógrafo de Carlos Prestes lendário dirigente do Partido Comunista Brasileiro, Prémio Staline e autor de uma entusiástica celebração da URSS stalinista no livro *O Mundo da Paz*), pela segurança e popularidade do "tropicalismo", conversão marcada por Gabriela.

O êxito de **Dona Flor e Seus Dois Maridos** no cinema (e de **Gabriela** na televisão) marcou o ponto de partida para uma série de adaptações de Amado: nesse mesmo ano *Os Pastores da Noite* deu o filme **Othalia da Baía** de Marcel Camus, Nelson Pereira dos Santos adaptou depois **Tenda dos Milagres** e **Jubiabá** e Bruno Barreto reincidiu com uma versão cinematográfica de **Gabriela** (a escolha marca os limites deste realizador) menos feliz que a do pequeno ecrã. **Dona Flor e Seus Dois Maridos** está recheado de pseudo-audácias, qualquer delas de carácter erótico a que se acrescenta a exploração de outro fenómeno na moda: a do "malandro", de que o personagem de José Wilker é modelo de que o cinema brasileiro abusa neste período, e que abarca outros meios e artes de que um dos exemplos mais conhecidos é a "Opera do Malandro" de Chico Buarque.

Manuel Cintra Ferreira